



Research Paper

## “NOSSA LUTA CRIA”: uma análise sob o viés da Psicologia Social de um dos Cadernos Temáticos do CRP

Daniela Emilena Santiago<sup>1</sup>

*Mestre em Psicologia pela Unesp de Assis-SP, Mestre em História pela Unesp de Assis, Doutora em História pela Unesp de Assis, Docente do curso de Psicologia da Unip, Assis-SP,*

Andreia Sanches Garcia<sup>2</sup>

*Mestre em Psicologia pela Unesp de Assis-SP, Doutora em Psicologia pela Unesp de Assis-SP, Docente e Coordenadora do curso de Psicologia da Unip, Assis-SP,*

Carlos Eduardo Arantes Barretto Filho<sup>3</sup>

*Graduando em Psicologia pela Unip, campus de Assis-SP,*

Diego Batista de Andrade<sup>4</sup>

*Graduando em Psicologia pela Unip, campus de Assis-SP,*

Eduardo Fidelis da Silva<sup>5</sup>

*Graduando em Psicologia pela Unip, campus de Assis-SP,*

Ivan Néia<sup>6</sup>

*Graduando em Psicologia pela Unip, campus de Assis-SP,*

Larissa Fernanda Francisco Schimidti<sup>7</sup>

*Graduando em Psicologia pela Unip, campus de Assis-SP,*

Luciana de Oliveira Gonçalves Torres<sup>8</sup>

*Graduando em Psicologia pela Unip, campus de Assis-SP*

---

**ABSTRACT:** *This text presents an analysis of some excerpts from the Thematic Notebook “Our Struggle Creates”, a document from the Regional Psychology Council of São Paulo. The presentation and analysis of the production is structured based on the thinking of Social Psychology with special attention to the provisions of Silvia Lane. Six texts associated with practices developed by Psychologists and which were portrayed in the device under discussion were analyzed. Through the analysis, actions linked to social movements, access to Psychotherapy, and the gender issue were identified, thus triggering the Social Commitment of Psychology represented in concrete acts developed by its agents.*

**KEYWORDS:** *Social Psychology. Social Commitment, Nossa Luta Cria.*

*Received 10 Sep., 2024; Revised 24 Sep., 2024; Accepted 26 Sep., 2024 © The author(s) 2024.*

*Published with open access at [www.questjournals.org](http://www.questjournals.org)*

### I. INTRODUÇÃO

A Psicologia Social enquanto disciplina curricular é inserida no curso de graduação da Psicologia da UNIP a partir do terceiro semestre. Além da reflexão por meio de aulas teóricas e exposição dialogada, a disciplina pressupõe ainda a elaboração, pelos alunos, de dois trabalhos. Dentre eles podemos citar a realização de trabalho em grupo em torno do tema da atuação de Psicólogos na área social. Tal requisição foi apresentada aos alunos, co-autores desse manuscrito e sob orientação das professoras supra citadas, O grupo de alunos

delimitou por realizar uma reflexão sobre a relação existente entre Psicologia Social e os Movimentos Sociais, trecho esse que dará início a esse artigo.

Tal indicação adveio do fato de compreender a possibilidade de defesa dos direitos sociais pela Psicologia por meio de seu engajamento em movimentos sociais, institucionalizados ou não institucionalizados. Essa inserção vem balizada pela compreensão sobre o desenvolvimento histórico da Psicologia e que permitiram a sua vinculação junto as pautas dos segmentos excluídos e marginalizados da sociedade, bem como se posicionar em favor da defesa de seus direitos.

Visando apresentar nesse manuscrito linhas introdutórias a respeito dessa discussão oferecemos inicialmente a discussão sobre a analogia firmada entre Psicologia e Movimentos Sociais e na sequência como um recorte e representativo dessa vinculação é o Caderno Temático do CRP SP intitulado “*Nossa Luta Cria*” um dispositivo usado para estimular a categoria na defesa das minorias por meio de intervenções concretas. A discussão sobre o referido documento estará vinculada ao segundo item do artigo. Como é lícito supor o trabalho em pauta adveio da realização de estudo de fontes teóricas sendo esses artigos, livros e o documento produzido pelo CRP SP.

### **A Psicologia Social e os Movimentos Sociais**

De acordo com Gomes de Jesus (2013) Ao longo dos séculos e da evolução humana como espécie e após sua consolidação como sociedade “criamos” uma concepção de mundo que faz sentido para um grande número de indivíduos que estão baseadas em valores econômicos, culturais e relacionais onde esta mesma classe “dominante” determina seus próprios interesses sobre a “classe dominada”. O autor ainda nos coloca que nessa perspectiva, seus iguais são beneficiados e os que fogem dessa “via de regra” são deixados de lado, pois seguindo esta linha de raciocínio; quem julga estar no “topo” dita o que consideram ser certo ou errado dentro da sociedade, seguindo seus valores. Neste sentido, Silvia Lane nos mostra como a psicologia social vê e entende os movimentos sociais, como há influência da globalização em relação aos mesmos, além de citar também as visões de alguns autores sobre o tema e de como eles ocorrem. Também faz menção de um contexto histórico onde as classes excluídas começam a se manifestar para que haja uma mudança social com manifestações exigindo seus direitos para uma sociedade mais igualitária.

Para entender sua importância, é necessário mencionar que há muitos entendimentos divergentes sobre o que são os movimentos sociais. Tais movimentos podem ser definidos como uma forma dessas minorias se expressarem, darem voz e também legitimarem suas causas diante da luta pelo respeito e inclusão ou resistência a exclusão; objetivando promover grandes mudanças sociais e políticas em prol de uma vontade maior. Porém, essas mudanças sociais não ocorrem da noite para o dia e sabemos que isto só se torna possível a partir de uma mobilização e conscientização de que há espaço para absolutamente todos na sociedade.

A luta pela igualdade social não é algo novo. A Psicologia Social investiga esses movimentos não sob um cunho político ou militante, mas sim; com base no método científico para que se possa reconhecer essa realidade, compreender as motivações para participarem de tais movimentos e o que as mobilizam a saírem do conforto de seus lares e irem as ruas. Durante décadas essas classes denominadas de excluídas, buscam seu espaço. Um bom exemplo disso são os sindicatos europeus durante a revolução industrial, reivindicando melhorias trabalhistas numa época em que isso era um imenso tabu.

No Brasil, houve uma mudança desde a década 1932 com o voto das mulheres nas eleições (mesmo que com restrições), até uma mulher ser eleita a chefe de estado maior que nosso país possui. Nos EUA um negro é também eleito presidente da república (em um país onde até hoje perduram as “heranças” do racismo). Outros movimentos sociais importantes como “A Marcha dos Zumbis”, que marcou nosso país na luta contra o racismo, a “Marcha das Vadias” (ou Margaridas), que lutou pela igualdade da mulher na sociedade ou as marchas pelo orgulho LGBTQIA+ e demais causas sociais tão importantes quanto as mencionadas possuem em comum? .A luta pela igualdade e pelo respeito.

Gomes de Jesus (2013) nos indica ainda que todos esses grupos levam consigo a determinação e a coragem, pois lutam por aquilo que acreditam, atuam com verdadeiro altruísmo mesmo que não desfrutem dos resultados de suas batalhas. Ainda que sejam grupos minoritários, a união dessas pessoas acaba trazendo simpatizantes às suas causas e isso traz uma maior expectativa de que os problemas relacionados ao grupo podem ser resolvidos com maior eficácia por meio da ação coletiva, e de fato é isso que ocorre, já que o ser humano tem a necessidade de se unir e estar inserido em grupos. Também devemos considerar que os movimentos sociais também possuem repercussões psicossociais e seu sucesso não depende de tamanho da organização ou da qualidade da liderança ou sofisticação, mas sim da capacidade de expressar sentimento, ressentimentos, preocupações, temores, ansias e a esperança da coletividade.

Todos esses movimentos, como mencionado anteriormente; são o modo das minorias se expressarem dentro de uma sociedade tão sombria e tenebrosa em que temos vivido e também, uma forma de reivindicar os direitos que temos ou que desejamos tanto para nós quanto para o próximo. É interessante pensarmos em como

as pessoas enxergam essa movimentos de formas variadas, enquanto uns não dão a mínima; como o atual presidente da república de nosso país (entre as inúmeras atrocidades que fala) disse que “o Estado não é laico, o Governo é para as majorias e que as minorias devem se retirar do país”, ao que outras pessoas já se comovem com o que vem acontecendo, não se conformam e se propõe a ajudar e se engajam nessas causas, almejando uma sociedade melhor mais igualitária.

Muitas vezes o que falta para as classes que se julgam “dominantes” é a empatia, a experiência de se colocar no lugar do outro e tentar entender o que essas “classes dominadas” já passaram. Embora já tenhamos avançado de forma grandiosa para que haja o respeito e as minorias tenham “crescido” e estejam conquistando seu lugar na sociedade; também é fato que a resistência (conservadorismo) a intolerância e o preconceito têm crescido de forma alarmante. Só mudaremos essa situação com uma educação de qualidade, ensinando que há diferenças culturais, étnicas, religiosas, de gêneros e que está tudo bem em haver diferenças e acima de tudo, deve haver o respeito. Não interpretamos os acontecimentos que ocorrem da mesma forma, não obtivemos a mesma criação, não pensamos ou somos iguais, porém cada um devemos entender que as diferenças constroem uma sociedade melhor.

A psicologia social tem o potencial de “empoderar” os grupos tidos como minoritários e, como acreditava Silvia Lane, precisa estar em contato com estes grupos os auxiliando a desenvolver o pensamento crítico. Hoje, temos o entendimento que preconceitos são construtos sociais de uma geração de indivíduos que são moralmente questionáveis (falsos moralistas). Ressaltamos uma vez mais a importância da educação e da psicologia nesse processo, ambas são e serão alicerces fundamentais para o rompimento deste “ciclo de ódio as diferenças”. A mudança já vem ocorrendo e inserido nesse contexto, que o psicólogo deve estar atento para auxiliar neste processo, pois como sabemos historicamente: foi através de toda essa diversidade que a história da humanidade foi construída, sem a qual não estaríamos aqui.

### ANÁLISE CRÍTICA

O Conselho Regional de Psicologia (CRP) realiza uma série de ações formativas destinadas aos profissionais de Psicologia. Um desses dispositivos é nomeado “Cadernos Temáticos”, disponibilizado no formato pdf no site do CRP e gratuito no site para todos os interessados. Dada a sua natureza também tem sido um dispositivo que alcança graduando em Psicologia e outros interessados devido aos temas que aborda. Essa publicação integra o processo formativo do CRP desde o ano de 2007 e busca, como podemos inferior:

O primeiro deles é concretizar um dos princípios que orientam as ações do CRP SP, o de produzir referências para o exercício profissional de psicólogos/os; o segundo é o de identificar áreas que mereçam atenção prioritária, em função de seu reconhecimento social ou da necessidade de sua consolidação; o terceiro é o de, efetivamente, ser um espaço para que a categoria apresente suas posições e questionamentos acerca da atuação profissional, garantindo, assim, a construção coletiva de um projeto para a Psicologia que expresse a sua importância como ciência e como profissão. (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2009, p. 04).

Do que podemos apreender que a ação em questão, por meio dos Cadernos Temáticos além de um dispositivo de capacitação também se configura como uma forma de conferir referências aos profissionais no que concerne a atuação desses profissionais. Isso porque tais dispositivos abordam temas que estão presentes no cotidiano dos Psicólogos (as) visando a orientação para que esses possam colaborar com o desenvolvimento de uma intervenção articulada aos princípios profissionais de toda uma categoria. Importe frisar que esses documentos, assim como outros do CRP retratam conceitos e discussões que foram refletidos e produzido pelo coletivo desses profissionais por meio de aprofundamentos e estudos mais variados possíveis.

Representativo dessa produção, o caderno “*Nossa Luta Cria*” se consolida como um espaço de apresentação de relatos de experiência profissional em que temos a apresentação de vivências de profissionais nas quais há a incorporação das referências teóricas de atuação dessa categoria profissional. Como o grupo de autores manifestou o interesse pela relação firmada entre Psicologia e Movimentos Sociais a busca esteve orientada para as abordagens descritas nesse documento em que a relação em pauta fosse abordado. A apreensão desses aspectos nos dá a saber ainda como os profissionais tem se manifestado em favor da diminuição da desigualdade e consequentemente em defesa da democracia.

Na edição de 2019 há vários artigos e orientações aos profissionais, porém, cinco deles abordam a atuação dos Psicólogos junto a movimentos sociais. Optamos por apresentar e analisar todos os artigos apresentados no documento e que se referem a práticas profissionais já constituída e consolidadas para melhor apreensão do seu conteúdo e dos aspectos significativos considerando assim nosso objeto de estudo. Partimos da apresentação dos textos de acordo com a sua disposição do documento.

O primeiro texto apresentado e nomeado: “A Psicologia na intersecção entre saúde e justiça” assinado por Helena Fonseca Rodrigues se dedica a analisar e discutir a relação entre saúde e justiça com base nas demandas apresentadas na área sociojurídica. A autora destaca que tem tido a sua atuação junto ao Núcleo de Saúde Mental da Fiocruz onde a intervenção tem sido orientado para aspectos que estão atrelados a utilização de álcool e drogas. No artigo a discussão da autora é orientada para apresentar sua intervenção junto ao Projeto Redes e que buscava articular decisões judiciais por crimes cometidos por pessoas com dependência de álcool e outras drogas.

A ação se concentra na audiência de custódia, contexto em que aquele que foi preso devido a relação com substâncias psicoativas uma vez que:

A ideia era que toda pessoa que fosse para a audiência de custódia por algum crime relacionado à lei de drogas fizesse um relato dos problemas relacionados ao uso de drogas, e quem tivesse cometido um pequeno delito em função do consumo passaria a ser acompanhado pelo Projeto Redes (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2019, p. 44)

Tal abordagem, realizada em cinquenta e cinco municípios brasileiros que aderiam ao projeto resultava na realização de um acompanhamento das pessoas que foram condenadas nos modelos postos acima. A autora indica que após um ano dessa intervenção foi realizada uma tabulação de dados sobre o perfil dos atendidos sendo possível concluir que: “[...]uma grande maioria se declarando pretos e pardos, com baixíssima escolaridade, em situação de moradia precária“(CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2019, p. 44). As audiências de custódia sempre resultavam no relaxamento da prisão mas também no encaminhamento de casos para a rede de atendimento visando a atenção das demandas atreladas a saúde mental e a assistência social.

Ainda que na descrição supra não se consolide como uma ação desenvolvida dentro de um movimento social, vemos que a intervenção é empreendida por meio de um projeto. Esse projeto apresenta uma força jurídica ao passo que negocia, como podemos ver, junto às audiências de custódia a alteração de sentenças. Sem a ação do projeto as pessoas estariam em regime fechado. No entanto, o que temos é uma substituição da pena aplicada inicialmente em sistema fechado por abordagens em meio aberto. Tais abordagens buscam enfrentar a raiz do problema que está associado à dependência química e deslocam o olhar e a responsabilização do indivíduo visando assim a apresentação de uma compreensão sobre a totalidade.

E, dessa experiência podemos extrair várias concepções que demonstram a influência da Psicologia Social junto às práticas profissionais. Uma delas é a compreensão do ser humano como proveniente da realidade e do meio que está inserido. Lane (2017) nos apresentou que a Psicologia durante muitos anos devido a sua inspiração de base experimental compreendia os comportamentos dos indivíduos como decorrentes apenas do desejo e vontade do homem. Nessa esteira, vemos que as intervenções dos profissionais estiveram orientadas ao controle de condutas. Na experiência supra representada observamos que os sujeitos participantes da abordagem são responsabilizados pelo crime, porém, a própria dependência é compreendida como resultado de vários processos para além dos desejos e ansiedades dos indivíduos.

Outro elemento de grande importância a ser destacado é que a ação, ainda que desenvolvida caso à caso, possui uma orientação coletiva para vários sujeitos, fugindo da perspectiva individualista e clínica ( e que é exatamente importante), avançando assim em uma perspectiva social, desenvolvida dentro de uma política social, na área sociojurídica. A próxima experiência apresentada também faz menção a uma ação coletiva, porém, como poderemos observar a mesma faz menção a questão do acesso à Psicoterapia, como veremos.

A prática a que nos referimos é retratada no documento se faz presente no texto Psicanálise na Praça, de autoria de Daniel da Silva Taranta. Nele o autor nos apresenta a abordagem clínica realizada da Praça Roosevelt localizada no Centro de São Paulo. A ação foi desenvolvida por um grupo de psicólogos visando levar o atendimento clínico, sem custo, para as populações mais vulneráveis. O autor do texto indica que há todo um esforço de aparatos como a polícia do local visando evitar com que as populações mais vulneráveis, incluindo pessoas em situação de rua. A tentativa por inserir o atendimento nesse espaço adveio do fato de haver, em tal local, uma grande concentração de pessoas, incluindo vulneráveis e também pelo fato de haver essa necessidade da população em tomar o espaço público para bem da sociedade local evitando assim a repressão e o fascismo e agressão policial.

O atendimento acontecia aos sábados e contava com um grupo de quinze profissionais. Rapidamente a abordagem encontrou adesão e era necessário inserir os presentes em uma lista para realizar a abordagem. As intervenções desenvolvidas na praça eram precedidas por reuniões entre os profissionais que atuavam no projeto e nessas abordagens também havia leitura e discussão de casos atendidos. Tais intervenções conseguiram, conforme o autor texto, apresentar e viabilizar o atendimento terapêutico para aqueles que não possuem condições financeiras de custeá-lo e que seja ofertado no território em que as pessoas vivem e circulam.

Eu acho que é exatamente isso: buscar maneiras de levar um atendimento aberto a quem tiver interesse, fora de uma lógica capitalista na qual o dinheiro é a moeda de

troca, em que você tem ganho e perda de dinheiro ou de tempo, e de uma forma aberta em uma sociedade, especificamente em um território, onde a lógica que estava operando era bastante oposta a isso (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019, p. 46)

Demonstrando assim a dedicação dos profissionais em ofertar um serviço de qualidade para a população, motive pelo qual o estudo é essencial. Também relevante o fato da ação como um todo abordar a questão do acesso, viabilizando atendimento aos públicos mais vulneráveis através de uma intervenção realizada no território. Berger; Luckmann (2014) e Lane (2017) nos apresentam a importância do desenvolvimento de práticas no território e considerando a realidade vivenciada pelos indivíduos e grupos. Na experiência vemos que os profissionais deslocam a sua ação convencional levando o atendimento para a praça com a finalidade de torná-lo acessível aos usuários que por ali transitam.

Outro elemento importante a ser considerado faz menção ao local onde a ação empreendida se tratar de um espaço, uma região de extrema vulnerabilidade o que demonstra a aplicabilidade prática do compromisso social da Psicologia. Lane (2017) sempre teceu críticas para as abordagens individualistas realizadas no âmbito da Psicologia. Suas críticas estava associadas, dentre outros aspectos, a elitização das abordagens uma vez que nem todas as pessoas tinham acesso ao atendimento. Aqui, na experiência apresentada vemos que há uma busca por uma ação coletiva e que atenda aos segmentos mais excluídos de nossa sociedade.

Nessa seara observamos que outro trabalho descrito e que estará voltado à abordagem coletiva, ainda que nessa ação temos a descrição e apresentação de uma intervenção que foi realizada visando a conscientização antirracista. O texto é assinado por Cátia Cristina Cipriano e a mesa descreve sua intervenção na Uneafro movimento ao qual está também vinculada como mulher negra. A Uneafro é um movimento social que tem ações desenvolvidas em São Paulo, no Rio de Janeiro, na Bahia, no Espírito Santo e no Paraná. As ações do movimento estão orientadas a conscientização sobre o racismo, bem como o combate dessas práticas que ainda estão enraizadas em nossa sociedade.

Nós temos vários eixos de atuação: o combate ao racismo e ao preconceito é uma das vertentes, assim como a valorização da cultura negra e das ações afirmativas; a melhoria de qualidade da escola pública; o combate à violência urbana; o protagonismo juvenil, que é uma das coisas que mais estimulamos, despertando a autoestima, o senso crítico e o surgimento de novas lideranças políticas entre estudantes pobres e negros; e o convívio com a diversidade de gênero (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019, p. 47-48)

A ação é empreendida por meio de discussões e várias outras abordagens desenvolvidas em escolas públicas. Também há a oferta de cursinhos que preparam jovens para realização de vestibulares sendo essa abordagem direcionada para jovens pobres e negros. Também figura como ação de conscientização em relação a diversidade de gênero, ainda junto aos jovens que atende nas atividades do cursinho e também nas demais ações de conscientização. A Uneafro busca ainda a garantia de ações afirmativas para os públicos que atende.

Para o desenvolvimento das abordagens são instituídos núcleos de execução das abordagens os quais estão alocados em espaços próprios ou compartilhados com parceiros. No caso a autora do texto indica sua atuação no Núcleo de Proteção Jurídica da Uneafro e que está lotado dentro de um CREAS, devido a correspondência de abordagens do movimento social com aspectos que estão presentes na proteção social especial que é ofertada em tal equipamento. No texto não há indicações específicas da atuação da profissional, mas, é possível inferir que a abordagem é situada na proteção dos segmentos mais vulneráveis da sociedade dado ser essa a abrangência de ação do CREAS. Do que podemos apreender que a ação acontece em movimento social, apesar da parceria com o CREAS.

Lane (2017) sempre propôs ações como a empreendida, uma vez que se consolida como ação desenvolvida em movimentos sociais e ligada a reflexão crítica por parte dos atendidos. Aliás, vemos que a autora recomenda as ações coletivas em detrimento das individuais. E mais, observamos que nessa abordagem a possibilidade de educação popular, algo que esteve muito presente nas abordagens da autora e de outros interlocutores da Psicologia Social no Brasil. Como sabemos a Psicologia Social foi fortemente influenciada pela perspectiva de Paulo Freire e como tal há o pressuposto da educação popular visando a conscientização. Assim, vemos que a ação proposta também vem de encontro ao que foi idealizado nas protoformas, nas bases da Psicologia Social brasileira.

O texto: A Psicologia na construção do Movimento Sem Terrinha de autoria de Janaína Ribeiro de Rezende. A autora do texto se apresenta como Psicóloga que faz o doutorado junto ao Movimento Sem Terra (MST) estando vinculada ao Movimento Sem Terrinha, O Movimento Sem Terrinha é uma ação dentro do MST e que é especialmente orientada para a realização de atividades educacionais para crianças e adolescentes filhos de assentados. A autora dá ênfase para um evento que foi realizado sendo o mesmo nomeado Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha e que teve como objetivo a discussão dos direitos das crianças e dos

adolescentes inseridos nos assentamentos de forma que os mesmos pudessem se manifestar acerca de tais temas. A autora apresenta o encontro como um momento de grande relevância e importância uma vez que foi conferida voz para as crianças e adolescentes onde puderam ainda refletir sobre a sua identidade e se vincular a causa defendida por seus familiares e na qual estão totalmente inseridos.

A profissional destaca ainda que realiza uma atuação contínua e direta nos assentamentos, especialmente para crianças e adolescentes e considera sua intervenção como uma prática extremamente política uma vez que vem referenciada pelos compromissos ético e políticos que têm sido assumidos pela categoria profissional dos Psicólogos (as) ao longo do desenvolvimento histórico da Psicologia brasileira. Concordando com Bock (2017) e Lane (2017), a prática representada faz alusão ao Compromisso Social assumido pela Psicologia e segundo o qual a ação dos profissionais não é neutra. Assim sendo, a ausência de neutralidade está associada ainda a adotar posições que resultem na melhoria de vida dos segmentos mais vulneráveis da população. Além da prática retratada na descrição do texto há também a apresentação da própria autora em relação ao entendimento da abordagem que realiza ou como podemos ler:

Partimos da compreensão de que não existem ciência nem atuação profissional neutras. Toda teoria e toda prática estão vinculadas a uma tomada de partido, entendendo ‘partido’ como uma coisa ampla, como um posicionamento político. Por causa disso, compreendemos que toda teoria e toda ação dependem de um posicionamento político. Segundo Paulo Freire, temos duas opções: ou assumimos um partido para manter as coisas do jeito que estão – no sentido de uma postura conservadora, de conservar a realidade e a sociedade com as injustiças, com a desigualdade – ou assumimos uma postura de transformação dessa realidade (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019, p. 49)

De maneira que, tanto a ação, quanto o discurso vem fortemente influenciado por postulados presentes nas referências atreladas à Psicologia Social. A questão da postura política também se mostra presente no último texto de nossa análise sendo esse intitulado A Psicologia e a desumanização dos corpos de autoria de Carú de Paula. Ainda que o autor, Psicólogo Clínico, que vivenciou o processo de transição de gênero. Ainda que não relate uma prática desenvolvida entre segmentos dessa envergadura, relata uma experiência pessoal que chama a nossa atenção para a necessidade da Psicologia observar o corpo, a identidade de gênero e tantos outros aspectos que atravessam esses conceitos e como as pessoas os experienciam na prática.

A experiência pessoal de Carú com seu próprio corpo e com outros corpos é o elemento basal e o disparador para a reflexão proposta no texto para que possamos repensar nossa relação e prática com o corpo trans. Assim nos diz o autor: “O corpo trans, assim como o corpo negro na nossa sociedade, é desumanizado. É como se nós não tivéssemos capacidade de agir no mundo e afetá-lo, de mudar esse mundo”. A discussão é vigorosa e o autor do artigo insere poesias e reflexões que nos fazem pensar ainda na inserção do profissional trans frente aos demais profissionais cis. Apesar de Carú enfatizar a existência de um grupo de profissionais que se apoiam e se relacionam no sentido da troca de conhecimento é também deflagrado, pelo autor, a existência de processos de exclusão entre os profissionais demandando a necessidade de uma própria revisão da formação dos quadros de futuros profissionais. Bock (2017) também tem chamado a nossa atenção ao fato de que as formulações teóricas precisam ser inseridas no interior das práticas profissionais e devem servir como uma referência para além da teorização se mostrando presentes no discurso, fala e ação desses profissionais.

## **II. CONCLUSÃO**

Observamos que a Psicologia Social é compreendida dentro da Psicologia como um elemento de destaque ao passo que nos reportamos a adesão da Psicologia aos parâmetros e aspectos contidos no Marxismo e que passam a ser usados como referências para o entendimento da sociedade como um todo. Nesse interim, vemos que as mudanças realizadas no interior da Psicologia Brasileira e Latino-Americana se desenham em meados dos anos 70 mas, seus contributos se fazem presentes ainda contemporaneamente uma vez que são eles que orientam a perspectiva dos profissionais em ler a realidade contemporânea e intervir sob ela.

As experiências aqui narradas e que foram sistematizadas pelo Conselho Regional de Psicologia de São Paulo apenas demonstram que o Compromisso Social defendido por Lane nos anos 70 encontrou adesão e assento junto aos profissionais contemporâneos e tem resultado em práticas de inclusão e de emancipação as quais se mostram como espaços de ações coletivas, partilhadas e destinadas a grupos mais vulneráveis de pessoas. Também observamos a adesão da Psicologia à movimentos sociais, os quais tem demandando cada vez mais pela ação assertiva e colaborativa dos profissionais e, em ambos exemplos, é possível observar e constatar pela defesa dos profissionais das minorias e dos segmentos mais vulnerabilizados.

## REFERÊNCIAS

### BIBLIOGRÁFICAS

- [1]. BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- [2]. BOCK, A. M. B. A Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Orgs.) **Psicologia sócio histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2017.
- [3]. CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. **Nossa luta cria: enfrentar as desigualdades e defender a democracia é um dever ético para a Psicologia**. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. - São Paulo: CRP SP, 2019.
- [4]. LANE, S. T. M. **O que é Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 2017.
- [5]. GOMES DE JESUS, J. **Psicologia social e movimentos sociais: uma revisão contextualizada**. Psicologia e Saber Social. Rio de Janeiro. Vol. 1, nº 2, p 163-186. Janeiro de 2013.